

PE 359 - ANÁLISE DA MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS EM MATO GROSSO DO SUL - UM ESTUDO COMPARATIVO COM DADOS NACIONAIS

Tamires Sobral Pereira¹, Alessandro Augusto Teixeira Serea¹, Ana Cláudia Miranda de Barros¹, Guiherme Américo¹, Isabely Salles da Silva¹, João Pedro de Sá Hernandez¹, Leticia Dessbesell dos Santos¹, Rafaela Lopes Alencar¹, Yasmin Mustafa Moussa¹

1. UNIDERP.

Em 2019, a OMS estimou que mais de 1,5 milhão de adolescentes e jovens adultos morreram globalmente, com causas externas, como acidentes e violências, representando um grave desafio para a saúde pública, especialmente nas faixas etárias de 15 a 19 anos. Analisar os óbitos por acidentes de transporte na faixa etária de 15 a 19 anos em Mato Grosso do Sul e na média nacional, considerando o período de 2018 a 2022. Foi realizado um estudo observacional transversal quantitativo utilizando os dados disponíveis no TabNet. entre óbitos de adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil e em Mato Grosso do Sul, de 2018 a 2022, com foco em causas externas e acidentes de transporte. A análise calculou a relação percentual entre os óbitos por acidentes de transporte e o total de óbitos por causas externas. A comparação entre os óbitos por acidentes de transporte na faixa etária de 15 a 19 anos em Mato Grosso do Sul e na média nacional revela variações significativas. Em 2018, o Brasil registrou 2.255 óbitos, representando 15,82% dos óbitos por causas externas, com o índice aumentando para 19,3% em 2020 e 20,62% em 2022. Em Mato Grosso do Sul, foram 151 óbitos por causas externas em 2018, dos quais 37 (24,5%) foram por acidentes de transporte. Esse percentual variou ao longo dos anos, alcançando 33,5% em 2019, antes de cair para 28,7% em 2020 e 26,12% em 2022, com 29 óbitos. Embora tenha ocorrido uma oscilação, os dados indicam que os óbitos por acidentes de transporte em Mato Grosso do Sul são consistentemente mais elevados que a média nacional, destacando a necessidade de políticas públicas mais eficazes para a segurança viária. O Brasil é o 5º país com mais mortes no trânsito, registrando 37.635 óbitos por acidentes de transporte terrestre em 2009, sendo essa a principal causa de morte em faixas etárias específicas. A taxa de mortalidade é particularmente alta, especialmente na região Centro-Oeste. Entre 2000 e 2010, Mato Grosso do Sul subiu de 14ª para 8ª posição no ranking nacional, com um aumento de 33% no risco de morte por acidentes de transporte. Ao longo dos anos, os óbitos por acidentes de transporte no estado apresentaram percentuais superiores à média nacional, evidenciando uma vulnerabilidade específica. Esse cenário exige uma análise aprofundada e a implementação de intervenções eficazes para mitigar os impactos desses acidentes.

PE 360 - ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES DE ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS ENTRE 0 A 19 ANOS DE IDADE EM 2022 E 2023 NO RIO GRANDE DO SUL

Andrés Ricardo Montoya Escobar¹, Maria Julia Pasini Batista¹, Izabelle Silva Lobo¹, Fernanda Fonseca Rodrigues¹, Bianca Nascimento Naimayer¹, Manuela Souza da Silva¹, Yasmin Correa Konflanz¹, Fernanda Lages Alves Eberhardt¹, Leonardo Benetti Costella¹, Amanda Ramos dos Santos¹

1. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

A notificação de acidentes com animais peçonhentos é essencial para monitorar essas ocorrências no estado. Embora frequentemente subnotificados, esses dados ajudam a entender os padrões desses incidentes e nortear ações de controle. Analisar o perfil epidemiológico de acidentes com animais peçonhentos entre crianças e adolescentes no estado do Rio Grande do Sul (RS) nos anos de 2022 e 2023. Foram acessados dados registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e no Relatório Anual de Atendimentos de 2023 do Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul (CIT/RS). Foram considerados acidentes com peçonhentos envolvendo a população de 0 a 19 anos entre 2022 e 2023, bem como sua distribuição pelo sexo dos indivíduos afetados, as macrorregiões de saúde e os meses de ocorrência. Os dados permitem afirmar que, no RS, 2023 foi um ano com mais notificações de acidentes com animais peçonhentos que 2022, na faixa de 0 a 19 anos. Entre menores de um ano, o aumento foi de 80 casos, em 2022, para 96 em 2023. Entre um a quatro anos, de 290 para 408 notificações, totalizando 118 casos a mais. Entre cinco e nove anos, de 219 para 353, representando 61% de aumento em relação a 2022. Dos 10 aos 14 anos, houve um acréscimo sutil de 64 casos, fechando 302 casos em 2023. Já dos 15 aos 19 anos, o aumento foi de 86 notificações, passando de 337 em 2022 para 423 em 2023. A faixa etária com maior aumento percentual foi dos cinco a nove anos, e a com maior número absoluto foi a dos 15 aos 19 anos em 2023. Em geral, pessoas do sexo masculino foram as principais expostas, exceto na faixa dos menores de um ano, em que as do sexo feminino foram mais afetadas. Em ambos os anos, a Região Metropolitana ficou em terceiro lugar em número de ocorrências, perdendo apenas para as macrorregiões Norte e da Serra, e os meses de agravo foram dezembro e janeiro. Logo, observado o crescimento de casos de acidentes com animais peçonhentos, esse aumento pode estar relacionado a uma maior exposição a esses animais ou a um maior número de notificações pelo (SINAN). Indivíduos do sexo masculino foram os mais afetados na maioria das faixas etárias, e essa maior incidência pode estar associada a um maior nível de exposição a atividades ao ar livre, aumentando o risco de contato com animais peçonhentos. Ademais, a distribuição geográfica e sazonal sugere a importância de ações.

PE 361 - IMPACTO DA EXPANSÃO DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA NA MORTALIDADE INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE ECOLÓGICA DE 2010 A 2023

Eloize Feline Guarnieri¹, Anna Carolina Santos da Silveira¹, Andressa Pricila Portela¹, Cristiano do Amaral De Leon¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A mortalidade infantil é um indicador sensível da qualidade dos serviços de saúde e das condições socioeconômicas. A Estratégia Saúde da Família (ESF), como modelo de reorganização da atenção primária, tem potencial para reduzir desigualdades e melhorar desfechos em saúde, especialmente na infância. Avaliar sua relação com a mortalidade infantil é essencial para mensurar o impacto das políticas públicas. Analisar a associação entre a cobertura da ESF e as taxas de mortalidade infantil nos municípios do Rio Grande do Sul (RS) entre 2010 e 2023. Estudo ecológico, retrospectivo e descritivo-analítico, com dados secundários dos sistemas do DATASUS: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). Calculou-se a taxa de mortalidade infantil (TMI) anual por município (óbitos de menores de 1 ano por 1.000 nascidos vivos). Os municípios foram categorizados em faixas de cobertura da ESF (<50%, 50–75% e >75%). Realizou-se análise descritiva e correlação entre as variáveis. Entre 2010 e 2023, observou-se tendência de queda da TMI no estado, com disparidades regionais. Municípios com cobertura da ESF >75% apresentaram, em média, TMI inferiores àqueles com <50%. Houve correlação negativa entre a cobertura da ESF e a TMI, reforçando a efetividade da atenção primária. Em regiões com cobertura superior a 75%, a TMI foi cerca de 30% menor. Reduções mais acentuadas ocorreram em períodos de ampliação da ESF, especialmente por causas evitáveis como infecções respiratórias e doenças diarreicas. Municípios pequenos e médios com alta cobertura apresentaram desempenho comparável ou superior a grandes centros, sugerindo o impacto da ESF mesmo em contextos com menor estrutura. A expansão da ESF no RS está associada à redução das taxas de mortalidade infantil, destacando o papel estratégico da atenção primária na proteção da saúde infantil. Investir na ampliação e qualificação da ESF é fundamental para consolidar os avanços obtidos e reduzir desigualdades no cuidado pediátrico.

PE 362 - INTERNAÇÕES POR CAUSAS EXTERNAS EM CRIANÇAS MENORES DE 10 ANOS NO BRASIL: ANÁLISE POR SEXO NO PERÍODO DE 2015 A 2025

Maria Eduarda Hider Ferreira¹, Vitória Dal Forno Smola¹, Rafael Krygier Sukster¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

As causas externas, como quedas, queimaduras e intoxicações, são importantes fatores de morbidade na infância. Crianças menores de 10 anos estão mais expostas a acidentes devido à sua vulnerabilidade. O estudo dessas internações permite orientar estratégias de prevenção e promoção da saúde infantil. Analisar o perfil das internações por causas externas em crianças brasileiras menores de 10 anos, segundo o sexo, no período de janeiro de 2015 a fevereiro de 2025. Trata-se de um estudo ecológico, descritivo, transversal e quantitativo, realizado em abril de 2025, com base nos dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), extraídos via TABNET. Foram incluídas as internações de crianças menores de 10 anos classificadas nos seguintes grupos de causas externas: quedas, afogamento e submersão acidental, contato com fonte de calor e substâncias quentes, envenenamento e intoxicação por substâncias nocivas, e exposição a outros fatores. A análise foi realizada por sexo (masculino e feminino), com uso de estatística descritiva simples. Entre janeiro de 2015 e fevereiro de 2025, foram registradas 458.095 internações por causas externas em crianças menores de 10 anos no Brasil. Observou-se predominância do sexo masculino, com 286.024 internações (62,4%), enquanto o sexo feminino representou 172.071 casos (37,6%). As quedas foram responsáveis pela maioria das internações (337.368), sendo mais frequentes entre os meninos (211.796) do que entre as meninas (125.572). As demais causas também mostraram maior prevalência no sexo masculino, incluindo afogamento e submersão acidental (1.184 meninos vs. 679 meninas), contato com fonte de calor (19.177 vs. 12.803), envenenamento por substâncias nocivas (3.819 vs. 3.255) e exposição a outros fatores e causas não especificadas (50.048 vs. 29.726). As internações por causas externas em crianças menores de 10 anos no Brasil entre 2015 e 2025 foram significativamente mais frequentes no sexo masculino, o que reforça a necessidade de estratégias específicas de prevenção voltadas a esse grupo. As quedas representam a principal causa de internações, seguidas por exposição a outros fatores e causas não especificadas. Esses dados destacam a importância de ações integradas entre saúde, educação e assistência social para a redução dos acidentes infantis, especialmente no ambiente domiciliar, com enfoque em vigilância ativa, educação parental e adaptação de ambientes seguros para a infância.

PE 363 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR SÍNDROME DE MAUS TRATOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO RIO GRANDE DO SUL NOS ANOS DE 2020 A 2024

Eloize Feline Guarnieri¹, Júlia Dobler¹, Anna Carolina Santos da Silveira¹, Andressa Pricila Portela¹, Victoria Thones Rafo¹, Laura Carolina Nardi Motta¹, Vitória Mascarello¹, Amanda Wagner Fiore¹, Adriana D Azevedo Panazzolo¹, Cristiano do Amaral De Leon¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A Síndrome de Maus-Tratos (SMT) é um problema de saúde pública com graves consequências para crianças e adolescentes. Suas causas estão relacionadas a fatores socioeconômicos, culturais e familiares, sendo muitas vezes subnotificada. Avaliar o perfil epidemiológico das internações por SMT em crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul (RS) nos anos de 2020 a 2024. Foi realizado um estudo transversal descritivo, utilizando dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), disponíveis para consulta no banco de dados do Departamento de Informática do Ministério da Saúde. Foi criado um banco de dados específico, em planilha eletrônica, com o número de internações por SMT em crianças e adolescentes no RS, de acordo com ano, faixa etária e sexo dos pacientes. Entre 2020 a 2024, foram registradas 235 internações devido a SMT, sendo 41 em 2020, 35 em 2021, 28 em 2022, 71 em 2023 e 60 em 2024. O aumento expressivo das hospitalizações em 2023 pode estar associado a fatores socioeconômicos e ambientais que influenciam a exposição das crianças a situações de vulnerabilidade e negligência¹. Em relação à faixa etária, a maior incidência ocorreu entre crianças de 1 a 4 anos (92 internações), seguidas pelas faixas de 5 a 9 anos (78 casos), 10 a 14 anos (55 casos), menores de 1 ano (7 casos) e 15 a 19 anos (3 casos). Crianças pequenas são mais suscetíveis a maus-tratos devido à sua maior dependência dos cuidadores e à dificuldade de relatar agressões, tornando-se um grupo de risco para negligência e abuso físico². Quanto ao sexo, a maioria das internações ocorreu no sexo feminino (186 casos), enquanto 49 foram registradas em indivíduos do sexo masculino. Estudos indicam que meninas podem ser mais frequentemente vítimas de maus-tratos, especialmente abuso emocional e negligência, devido a fatores culturais e dinâmicas familiares que aumentam sua vulnerabilidade³. Os dados indicam um aumento significativo das internações por SMT em 2023, possivelmente influenciado por fatores sociais e econômicos. Crianças de 1 a 4 anos foram as mais afetadas, e o sexo feminino apresentou maior incidência. Esses achados reforçam a necessidade de políticas públicas eficazes para a prevenção da violência infantil e a ampliação do suporte às vítimas.

PE 364 - SINAL DE ALERTA: ELEVADA TAXA DE RECORRÊNCIA DE TRAUMAS ORTOPÉDICOS EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ines Alexandre¹, Laura Camis¹, João Sabongi Neto¹

1. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

Introdução: O trauma é um importante problema de saúde pública mundial devido às altas taxas de morbidade e mortalidade. O melhor conhecimento das características que envolvem o trauma pode ser útil para o planejamento adequado do atendimento e estabelecimento de uma política de prevenção para a população infanto-juvenil. **Objetivo:** Analisar o perfil do trauma ortopédico em uma amostra de crianças e adolescentes tratadas em clínicas ortopédicas, avaliando a taxa de recorrência dos traumas. **Método:** Tratou-se de uma pesquisa de campo com estudo transversal, realizada com 70 crianças, atendidas em Hospital de nível secundário e clínica de ortopedia. O estudo foi previamente aprovado pelo comitê de ética local (CAAE 78566124.9.0000.5373). Os responsáveis das crianças responderam um questionário padronizado sobre traumas ortopédicos na infância previamente testado, após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados estatísticos foram avaliados pelo programa SPSS com nível de significância $p < 0,05$. Houve predominância dos indivíduos do sexo masculino com 61,4% dos pacientes, sendo o grupo de adolescentes (10-16 anos) o mais prevalente (38,5%). O mecanismo de trauma mais frequente foi a queda (31,4%). Com relação ao local do acidente, a maioria dos traumas ocorreu tanto na escola (34,3%) quanto no domicílio (34,3%). Os tipos de lesões mais prevalentes foram fratura supracondiliana de úmero (24,7%) e fratura de rádio e ulna (15,3%). Com relação à gravidade das lesões, 25,7% foram leves, 50% moderadas e 24,3% graves. A taxa de história prévia de traumas ortopédicos foi extremamente elevada (97,1%), com correlação negativa com a idade ($p = 0,05$). **Conclusão:** Podemos concluir que os casos de trauma ortopédico foram em geral moderados em gravidade, acometendo principalmente úmero, rádio e ulna. Encontramos também elevada taxa de história de traumas pregressos, com grande importância tanto do ambiente doméstico quanto escolar como sede dos acidentes, sendo a queda o principal mecanismo de trauma. Estes achados ressaltam a necessidade de divulgação de programas de orientação e prevenção para maior proteção das crianças e adolescentes.